

HUMILHAÇÃO E EXALTAÇÃO: A DINÂMICA DO JULGAMENTO DE ELOHIM (SL 75)

Elizângela A. Soares

1. O contexto do Sl 75

Joseph E. Jensen afirma, em artigo recente, que o Salmo 75 se apresenta como uma ponte ou transição entre os Salmos 74 e 76. Juntos, estes três salmos desenvolvem idéias expostas no Sl 73, que começa com uma reflexão sobre a aparente prosperidade de pessoas malvadas e finaliza com uma meditação sobre seu destino desastroso. Para Jensen, o Salmo 74 se relaciona ao 73,1-16, o Salmo 76 a 73,18-28 e, por fim, o Salmo 75 corresponde à experiência revelatória descrita em 73,17.¹

Mapeando os argumentos de Jensen, o Salmo 75 começa com os fiéis reunidos aclamando o nome de Deus (v. 2), por meio da proclamação das suas obras maravilhosas em 74,12-17. Em 75,3, Deus confirma sua presença e aprovação da assembléia (*mo'ed*) em um oráculo na primeira pessoa. Esse oráculo se relaciona ao pedido registrado em 74,18-23. Deus assegura que sua justiça acontecerá em breve, da mesma forma que, como criador aclamado e celebrado, Ele continua a manter a ordem cósmica (75,4). Segue-se uma admoestação do líder da adoração (dito profético), articulando esta justiça nos termos do iminente julgamento de Deus sobre os arrogantes (*hol'lim*) e os malvados (*rexa'im*). É no espaço sagrado de Deus (mistério de El), onde Ele está presente, e que o salmista compreende o destino reservado para os malvados (Sl 73,17). O clímax da advertência se dá com a promessa de continuar proclamando as obras maravilhosas de Deus e com uma aclamação ao Deus de Jacó. Por fim, um segundo oráculo de Deus conclui o salmo garantindo que, simultaneamente à chegada da condenação dos malvados, chegará também a elevação do justo (75,11).²

Conforme Jensen, os dois oráculos divinos no Sl 75 amarram o Sl 74 ao 76: o primeiro oráculo (v. 3.4) relaciona a experiência da *presença atual* de Deus ao recital antecedente de atos poderosos em 74,12-17. O segundo oráculo (v. 11) relaciona a *contínua presença* divina à garantia do julgamento e da salvação que vem no Salmo 76. Esta seqüência articulada dos salmos 74, 75 e 76 estende e desenvolve a progressão dos movimentos de oração – da ausência à presença, da humilhação ao orgulho, da derrota à vitória, do lamento ao louvor, à celebração. Finalmente, a presença de elementos da linguagem apocalíptica no Salmo 75, tais como a taça, a assembléia, os chifres e a própria imagem do julgamento nos permite inferir que estamos diante de um salmo tardio.

1. JENSEN, Joseph E. Psalm 75: Its poetic context and structure. Em: *The Catholic Biblical Quarterly*. 63, n° 03, jul. 2001. p. 418.

2. Idem, p. 418-419.

2. A forma do Salmo 75

Em um ensaio sobre o gênero do salmo e suas formas, Ángel González Núñez classifica o Salmo 75 como um salmo de ensinamento profético, em que “presta-se mais atenção à ética do que ao culto. A conduta moral é o culto espiritualizado, encarnado na vida. A autoridade do profeta baseia-se na antiga e sempre nova palavra de Javé. Com ela o profeta anuncia e denuncia em tons radicais, exigentes e provocantes”.³

De acordo com H.-J. Kraus, a hipótese de que o Salmo 75 seja parte de uma liturgia apresenta grande plausibilidade. Importa então buscar compreender de que tipo de liturgia esse salmo é elemento. Há quem tenha alocado essa liturgia no contexto de meditação do festival de entronização de Javé (S. Mowinckel), como também há quem entenda esse texto como componente de uma liturgia destinada a um festival de ação de graças.⁴ A ação de graças estaria em função de Elohim na direção da assembléia.

Por sua vez, A. Weiser, embora reconheça uma afinidade do Salmo 75 com o salmo de agradecimento de Ana (1Sm 2,1-10), não concorda que este seja um salmo de ação de graças. Para ele, é parte de uma liturgia que, a um só tempo, dá conta do julgamento de Yahweh sobre os malvados, arrogantes e da “timidez e covardia na fé, que fica desiludida pelo fato de ainda não se ter posto fim à troça dos ímpios.”⁵ Em Alonso Schökel e Carnitti, trata-se de “um hino dedicado às proezas de Deus; em concreto, a Deus como juiz dos destinos humanos”.⁶ Julgamos que esta última hipótese é a que mais se aproxima do lugar do salmo.

Entre outras sugestões, o Sl 75 pode ser estruturado da seguinte forma:

- I. Cabeçalho (v. 1)
- II. Aclamação de louvor da assembléia (v. 2)
- III. 1º oráculo divino (v. 3-6)
 - A. Promessa de julgamento (v. 3,4)
 - B. Advertência divina (v. 5,6)
- IV. Advertência profética
- V. Introdução hínica do liturgo (v. 10)
- VI. 2º oráculo divino (v. 11)

Se tomarmos por base a estrutura de composição acima, observaremos que este único salmo traz em si três formas literárias distintas:

3. NÚÑEZ, Ángel González. O gênero “salmo” e suas formas. In: MATÍNEZ, José María García (org.). *Os Salmos*. São Paulo, Paulinas, 1998. p. 34.

4. Cf. KRAUS, Hans-Joachim. *Psalms 60-150: a commentary*. Minneapolis, Augsburg Fortress, 1989. p. 103-104.

5. WEISER, Artur. *Os salmos*. São Paulo, Paulus, 1994, p. 392.

6. SCHÖEKEL & CARNITI, p. 965.

1. Hino de louvor: a comunidade aclamadora do verso 2 e a promessa de contínuo louvor no verso 10 são componentes desse hino.
2. Oráculo divino (v. 3-6. 11).
3. Exortação (v.7-9)

Retornando à teoria de correspondências de Jensen, a seqüência dessas três formas com a evidente alternância entre os oradores sugere celebração litúrgica. As alternâncias de singular-plural, de primeira e terceira pessoa aludem às diferentes funções de grupos e indivíduos em uma celebração e ilustra os vínculos entre este salmo e a segunda parte do Salmo 74. A exortação em 75,7-9 igualmente remete às reflexões sobre o destino final dos malvados na última metade do Salmo 73 e olha adiante para a celebração vindoura da destruição vitoriosa desses *rexa'im* e da salvação simultânea para todos os oprimidos do Salmo 76. Desse modo, nesse contexto o Salmo 75 representa o momento solene na celebração litúrgica, quando Deus não somente está presente, mas fala; quando os olhos da fé são abertos e a presença da salvação real de Deus é experimentada.⁷

3. O conteúdo do Salmo 75

O primeiro verso do Salmo 75, que traz o seu cabeçalho, é no mínimo curioso. Poderíamos nos perguntar: por que um salmo do Deus-Juiz traria “Não destruirás” *'al-taxhet* como título, o que contrasta com toda a dinâmica do texto que se segue? Esse contraste nos leva a concordar com os exegetas que defendem a hipótese segundo a qual *'al-taxhet* pode referir-se simplesmente ao tom que marca o ritmo da canção; algo como, ao recitar o salmo, façam-no segundo a melodia *'al-taxhet*.

No verso 2, a aclamação de louvor celebra as maravilhas feitas por Deus no início da história do povo⁸, sendo, ao mesmo tempo, uma proclamação de fé: “perto está o teu nome”. A comunidade fala da proximidade do nome de Deus, que só é pronunciado no verso 9 (Yahweh). O nome se aproxima enquanto a comunidade celebrante reconta os maravilhosos feitos de Deus. Conforme Kraus, “nos salmos, o nome de Javé designa o mistério e maravilha da revelação, o ponto de referência de toda súplica, louvor e reflexão”.⁹ É a esse nome *xem* que se invoca e é a esse nome que se louva, porque é santo e temível (Sl 111,9). “O nome Javé está presente de maneira que toda invocação, louvor ou pergunta dirigida ao *xem* tem por destinatário a ele mesmo”.¹⁰

O verso 3 ressalta que Elohim reunirá uma assembléia. O termo que traduzimos por assembléia *mo'ed* ocorre 223 vezes no AT e pode também assumir outras interpretações como “local determinado”, “tempo determinado”, “local de assembléia”, “fes-

7. JENSEN, p. 428.

8. STADELMANN, Luís. *Os Salmos: comentário e oração*. Petrópolis, Vozes, 2000. p. 390.

9. KRAUS, Hans-Joachim. *Teologia de los salmos*. Salamanca, Ediciones Sigueme, 1985. p. 23.

10. Idem. p. 24.

ta designada”, etc.¹¹. Entre os tantos usos de *mo'ed*, interessa-nos dois em particular: como um designativo para “conselho” e como referência para “tempo determinado”. Num salmo de julgamento, a tradução de *mo'ed* como “conselho” se encaixa bem no seu contexto forense, embora não seja a única a se adequar ao todo. De outro lado, *mo'ed* como “tempo determinado” justifica a tradução da Bíblia de Jerusalém¹² e as interpretações exegéticas de Elohim como Senhor do tempo, a quem cabe fixar seus próprios prazos.¹³ O tempo e o modo do julgamento pertencem exclusivamente a Javé-Elohim, porque ele é o Senhor absoluto do que fora criado.

O verso 4 enfatiza sua soberania sobre o mundo. Afinal, seus fundamentos foram estabelecidos por ele: tremem a terra e todos os seus habitantes.¹⁴ “Não se pode separar a criação e o julgamento: como criador do mundo. Somente a Deus cabem o poder e o direito de julgá-lo, e vice-versa. Pelo seu julgamento, Deus continua a operar a realização de sua ordem, cujo fundamento colocou com o ato criador”.¹⁵

Os versos 5 e 6 clareiam o delito dos malvados: erguer o chifre para o alto e falar com pescoço de insolência, ou levantar altivamente a fronte e falar retesando a nuca, segundo a tradução da Bíblia de Jerusalém. Os *chifres* falam de força, vigor, poder. “A imagem de força bravia unida à de fecundidade é que impressionou os antigos na Mesopotâmia e em Canaã. Por isso incorporaram o touro em seus mitos e cultos. Touro pode ser título da divindade ou representação sua”.¹⁶ Aqui, levantar o chifre para o alto e falar com pescoço de insolência é ofender a Elohim, é provocá-lo. Neste sentido, podemos pensar o salmo como um confronto, uma vez que o princípio bíblico não é baseado na força e na violência, mas na justiça e no direito.

O verso 7, que inicia a sessão profética traz uma curiosidade: o termo *harim* é, igualmente, o plural de *har*, “montanha”, e uma variação do verbo *rum*, “aquele que se ergue”. De acordo com Jensen, o contexto e a estrutura poética do Salmo 75 chamam a atenção para os dois sentidos, o que também serve como exemplo da polissemia contida no jogo de letras da poesia hebraica.¹⁷ O dito profético desta sessão assinala a qualidade não-terrena do Juiz – ele não vem de nenhuma parte da terra e muito menos do deserto das montanhas. “Na geografia terrestre, humana, o orante não encontra instância superior que garanta eficazmente o respeito ao direito e à justiça: não encontra tribunal internacional acatado por todos”.¹⁸ As ações de Elohim se sucedem mediante a justiça, pois ele é a própria justiça, de modo que no verso 8 o salmista pode ver Elohim, o justo Juiz, no exercício do seu trabalho.¹⁹

11. LEWIS, Jack P. In: *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo, Vida Nova, 1998, p. 634-636.

12. “No momento em que eu tiver decidido...”

13. SCHÖEKEL & CARNITI, p. 968.

14. Literalmente, “derretem” ou “dissolvem-se”.

15. WEISER, p. 393.

16. SCHÖEKEL & CARNITI. p. 967.

17. JENSEN, p. 418.

18. SCHÖEKEL & CARNITI, p. 969.

19. KRAUSS, p. 105.

O verso 9 apresenta a imagem da taça cheia de vinho misturado na mão de Yahweh. Para Weiser se trata apenas de uma figura ilustrativa do mistério que envolve o julgamento divino. Não deseja desvelá-lo. O conteúdo da taça é bebida de morte para os malvados, mas bebida de vida e de salvação para o justo – este é o mistério que só será revelado quando o vinho for sorvido até o fim.²⁰ Em Jensen, o vinho é fortalecido ou “aumentado” com mel e especiarias (Is 5,22; Pr 9,2,5). A imagem não é a do vinho venenoso, mas particularmente uma imagem de humilhação, efeitos degradantes da bebida forte, como na taça de vertigem de Is 51,17.²¹

O último versículo traz uma promessa de louvor contínuo ao “Deus de Jacó”, título que figura no Saltério como alternativa a “Deus de Israel”. O Elohim de Jacó assegura que arrancará os chifres dos malvados *rexa'im* – nada sobrará da sua arrogância ou das suas palavras petulantes, insolentes. O enaltecimento do chifre, da força do justo é conseqüência direta dessa mesma ação de Elohim. Lendo inversamente os versos 10 e 11, poderíamos dizer que a promessa de louvor se dá em razão dos destinos finais dos chifres dos malvados e dos justos e que confirmam o verso 8: “Eis que! Elohim (é) juiz que humilhará (os malvados) e que exaltará (o justo)”.

Considerações Finais

Se admitirmos a hipótese de Jensen, o Salmo 75 se liga aos Salmos 74 e 76, além de responder à experiência revelatória do Salmo 73,17. De uma forma simplificada, diríamos que estes salmos tratam de interpelação, apelo, confiança e louvor à ação do Deus-Juiz (Elohim *xopet*). Contar suas maravilhas aproxima o seu nome, de modo que Elohim fala e faz promessas ao justo: ele terá seus chifres levantados e sairá da humilhação infligida pelos malvados para a exaltação. Quanto aos malvados, sua porção está reservada e seu destino final é a degradação total pela ação de Elohim.

Referências Bibliográficas

A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo, Paulinas, 1985.

SCHÖKEL, Luis Alonso – CARNITI, Cecília. *Salmos II: Salmos 73-150* – Tradução e Comentário. São Paulo: Paulus, 1998.

SCHÖKEL, Luis Alonso. *Diccionario bíblico hebraico-português*. São Paulo, Paulus: 1997.

BÍBLIA HEBRAICA STUTTGARTENSIA. Deutsche Bibelgesellschaft, Stuttgart.

HARRIS, R. Laird, ARCHER, Gleason L., WALTKE, Bruce K. (orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.

JENSEN, Joseph E. Psalm 75: Its poetic context and structure. In: *The Catholic Biblical Quarterly*. 63, nº 03, jul. 2001, p. 416-429.

20. WEISER, p. 394.

21. JENSEN, p. 418.

KRAUS, Hans-Joachim. *Psalms 60-150: a commentary*. Minneapolis: Augsburg Fortress, 1989.

KRAUS, Hans-Joachim. *Teologia de los salmos*. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1985.

MATÍNEZ, José María García (org.). *Os Salmos*. São Paulo: Paulinas, 1998.

STADELMANN, Luís. *Os Salmos: comentário e oração*. Petrópolis: Vozes, 2000.

WEISER, Artur. *Os salmos*. São Paulo: Paulus, 1994.

Elizângela A. Soares
Pós-Graduação em Ciências da Religião – UMESP
Av. Dr. Rudge Ramos, 542/13
09636-000, Rudge Ramos, São Bernardo do Campo, SP
E-mail: paraeliz@hotmail.com